

A Cidade Exposta

É projecto e tarefa do OPS desenvolver estudos que dêem conta da relação entre certos fenómenos e os medos que provocam. A escala destes fenómenos e a intensidade das reacções que geram são muito diversas: naquilo a que tem vindo a chamar-se o sentimento de insegurança, a escala é a da cidade, dos seus espaços, dos seus percursos, das relações entre os seus diferentes actores. O fluir dos acontecimentos urbanos com os quais se tece o sentimento de insegurança viu-se, nos últimos tempos, relegado para segundo plano pelo discurso mediático, cujo exercício se tem centrado até à exaustão na profusão de efeitos desencadeados pela tragédia de 11 de Setembro nos EUA. Acontecimentos com tal intensidade têm frequentemente um poder revelador sobre o nosso funcionamento. O 11 de Setembro mostra-nos, em primeiro lugar, que o medo se organiza hierarquicamente: o medo de ser alvo dum atentado terrorista, dum ataque químico ou, pior ainda, o medo assente na completa imprevisibilidade do que aí pode vir, coloca em plano subalterno aquilo com que habitualmente o cidadão anda entretido a ter medo. Em segundo lugar, demonstra o carácter conjuntural dos medos colectivos e o grande poder das instâncias mediáticas no seu aparecimento, expansão, retracção e desaparecimento. Durante algum tempo, os noticiários abrirão ainda com essa nova fonte de inquietude que é a iminência de represálias e contra-represálias, cujos cenários potenciais, numa urbe complexa, são praticamente infinitos: aeroportos, petroquímicas, instalações de telecomunicações, embaixadas, lugares de concentração de pessoas... Perante isto, que importância tem agora um arrumador de carros, um assalto ao auto-rádio ou um grupo de adolescentes suburbanos a imitar heróis da pancadaria em plena via pública? Para quando, enfim, o regresso das tranquilizadoras notícias sobre o aumento da delinquência juvenil ou dos "bairros da droga"? Os acontecimentos excepcionais vêm, afinal, revelar quão segura era a nossa vida e quão normal é uma certa dose de desordem - coisa que é, aliás, uma das mais antigas teses da sociologia, magistralmente enunciada por Durkheim.

O 11 de Setembro poderá ainda fazer-nos olhar para a cidade de outra maneira, pelo menos temporariamente. O que pode ele revelar-nos? Uma nova vulnerabilidade urbana, ao perceber-se que o terrorismo não é coisa de minorias ao estilo do IRA ou da ETA, mas fenómeno globalizado - e em cuja globalização intervieram os mesmos factores que são considerados os do avanço tecnológico que permitiu a globalização: novas tecnologias da informação, telecomunicações, conceito de rede global feita de miríades de localizações (por exemplo núcleos terroristas multiponto, mas em rede). No jogo incessante das imagens da urbe, está em criação neste momento, a de cidade exposta. O condomínio fechado, recurso crescentemente utilizado como panaceia contra a insegurança urbana, parece agora um castelo de Lego. Para os factos que habitualmente nos preocupavam, criámos um conjunto de dispositivos de prevenção e de evitamentos que, mais ou menos eficazmente, dependiam do nosso controle directo. Mas a súbita vulnerabilidade da cidade exposta vem-nos mostrar até que ponto está o cidadão comum, perante acontecimentos desta escala, na dependência dum dispositivo que sempre viveu connosco mas que só víamos nos filmes de ficção: a rede de informações secretas. Ficámos a saber que, nos subterrâneos da aparência tranquila dos dias, há toda uma rede de serviços de informações em que se testa o último avanço informático. Esta forma de controle social adquire novas proporções neste contexto de cidade exposta. E entre a sua sofisticação, que escapa de todo a cada um de nós, e as formas convencionais do controle social há a mesma distância que havia antigamente entre uma brigada anti-crime à civil e um cachorro barulhento de fundo de quintal a afugentar forasteiros...

Quando o pânico moral associado à cidade exposta se desvanecer - porque é próprio do pânico, dizem os sociólogos, ser intenso mas curto e passageiro - a cidade retomará o seu ritmo, os telejornais o seu habitual refrão e os medos do costume, aqueles que já conhecemos e já nos conhecem, estarão de regresso.

Luis Fernandes